

PRÁTICA DE ENSINO E FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA EDUCAÇÃO BÁSICA EM UMA PERSPECTIVA INCLUSIVA

PRACTICE OF TEACHING AND TRAINING OF TEACHERS FOR BASIC EDUCATION IN AN INCLUSIVE PERSPECTIVE

- **Rômulo Pereira Nascimento** (Universidade Cruzeiro do Sul - romulo.nascimento@uol.com.br)
- **Nilce Léa Lobato Cristovão** (Universidade Cruzeiro do Sul - nilce.lobato@hotmail.com)

Resumo:

Nesse estudo é apresentada uma proposta de trabalho cujo objetivo foi o de contribuir para que o aluno desenvolva uma compreensão sobre a educação inclusiva, bem como contribuir com sua formação desenvolvendo competências e habilidades que também expressem sua capacidade de identificar dificuldades ou necessidades especiais produzindo materiais para serem utilizados no ensino. O projeto envolveu docentes de diferentes disciplinas e estudantes do curso de Pedagogia, da Universidade. Trata-se de um estudo de caso com abordagem qualitativa elaborado a partir da queixa de alunos da universidade que relataram não se sentirem preparados para lidarem com as dificuldades de ensino e aprendizagem dos alunos da educação básica, inclusive a pessoa com deficiência. No desenvolvimento do projeto, entre os procedimentos metodológicos inclui-se a utilização do blackboard e produção de materiais didático-pedagógicos. Trata-se de um relato de experiência onde são verificados como resultados o aprofundamento do conhecimento sobre educação inclusiva bem como a confecção de materiais e a utilização dos mesmos em práticas educativas, na educação básica. Compreende-se as atividades como importante aliado do educador no processo de ensino e aprendizagem, desde que sejam exploradas através de metodologias que sejam relevantes, tanto para o professor quanto para seus alunos.

Palavras-chave: Educação inclusiva; materiais pedagógicos; prática de ensino.

Abstract:

In this study, a work proposal was presented whose objective was to contribute to the student's development of an understanding of inclusive education, as well as contribute to their formation by developing skills and abilities that also express their ability to identify difficulties or special needs by producing materials for be used in education. The project involved teachers from different disciplines and students of the Pedagogy course at the University. It is a case study with a qualitative approach elaborated from the complaint of students of the university who reported not feel prepared to deal with the difficulties of teaching and learning of students of basic education, including the person with the disability. In the development of the project, the methodological procedures include the use of blackboard and production of didactic-pedagogical materials. It is an experience report where results are verified the deepening of knowledge about inclusive education as well as the making of materials and their use in educational practices, in basic education. Activities are understood as an important ally of the educator in the teaching and learning process, provided that they are explored through methodologies that are relevant both to the teacher and to his students.

Keywords: Inclusive education; teaching materials; teaching practice.

1. Introdução

Na educação brasileira estão presentes muitos problemas. São vários os fatores que proporcionam resultados negativos, um exemplo disso são os diversos casos de crianças, jovens e adultos que não dominam a habilidade de ler e escrever. A alfabetização deficitária é, ao mesmo tempo, causa e consequência da desigualdade social no Brasil. Oficialmente, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a taxa de analfabetismo de quem tem 15 anos ou mais está em torno de 8,3%. O IBGE considera alfabetizado quem consegue, pelo menos, ler e escrever um bilhete simples na língua materna. Contudo, no mundo contemporâneo existem muitas outras necessidades que precisam ser atendidas para que o exercício da cidadania, direito assegurado pela legislação, seja efetivamente garantido.

Ao consultar os dados do Índice Nacional de Analfabetismo Funcional - INAF, produzido pelo Instituto Paulo Montenegro e a ONG Ação Educativa verificam-se que os critérios para considerar o índice de alfabetismo são outros. Há cinco níveis de alfabetismo funcional, de acordo com o relatório de pesquisa: analfabeto (4%), rudimentar (23%), elementar (42%), intermediário (23%) e proficiente (8%). O grupo de analfabeto mais o de rudimentar são considerados analfabetos funcionais. Os considerados proficientes são aqueles capazes de compreender e elaborar textos de diferentes tipos, como mensagem (um e-mail), descrição (como um verbete de um dicionário) ou argumentação (como os editoriais de jornal ou artigos de opinião), além de conseguir opinar sobre o posicionamento ou estilo do autor do texto. Os proficientes são também aptos a interpretar tabelas e gráficos como a evolução da taxa de desocupação, e compreendem, por exemplo, que tendências aponta ou que projeções podem ser feitas a partir desses dados. Além dessas o proficiente é capaz de resolver situações (de diferentes tipos) e de desenvolver planejamento, controle e elaboração.

Uma outra categoria de alfabetismo trata-se do alfabetismo digital. De acordo com Menezes e Santos(2001) trata-se de uma incapacidade em ler o mundo digital e mexer com a tecnologia moderna, principalmente com relação ao domínio dos conteúdos da informática como planilhas, internet, editor de texto, desenho de páginas web etc. A causa do analfabetismo tecnológico é associada à “exclusão digital”, denunciada em todo o mundo como a forma mais moderna de violência e modalidade sutil de manutenção e ampliação das desigualdades.

Quando se observa o mundo digital percebe-se que mesmo no ensino superior ocorre algo preocupante conhecido como Analfabetismo Digital. Para Castells (1999), o acesso ao conhecimento, riqueza e poder, passa pelo conhecimento das tecnologias da informação e da comunicação com a habilidade de usá-las e adaptá-las. Compreende-se então que, uma educação para ser eficiente e eficaz perpassa por uma educação numa perspectiva da inclusão digital, proporcionando o acesso digital à todos.

O projeto foi desenvolvido numa abordagem qualitativa na qual o objetivo foi compreender os fenômenos através da coleta de dados, estudando-se as particularidades e experiências individuais baseado em uma perspectiva inclusiva.

2. Educação Inclusiva

A formação do professor no processo de ensino-aprendizagem propõe uma abordagem no contexto de uma educação inclusiva. O discente deve ser preparado para lidar com as diferenças, com singularidade, diversidade e individualidade de todas as crianças, saber refletir sobre a aprendizagem de cada aluno, mas pensando no todo, porque todos necessitam aprender juntos.

Para Porter (1994), a escola inclusiva é um sistema de educação e ensino onde os alunos com necessidades educativas especiais, incluindo os alunos com deficiência, são educados na escola do bairro, em ambientes de salas de aula regulares, apropriadas para a sua idade (cronológica), com colegas que não têm deficiências e onde lhes são oferecidos ensino e apoio de acordo com as suas capacidades e necessidades individuais.

As escolas devem buscar formas e estratégias de educar as crianças, incluindo aquelas que possuam desvantagens severas. Existe um consenso emergente de que crianças e jovens com necessidades educacionais especiais devam ser incluídas nas atividades educacionais realizados para a maioria das crianças. Isto levou ao conceito de escola inclusiva. O desafio da escola inclusiva é modificar atitudes discriminatórias, desenvolver uma pedagogia centrada no aluno, criar comunidades acolhedoras. Deve ser capaz de educar todas as crianças e suas especificidades. O mérito de tais escolas não é somente que elas sejam capazes de prover uma educação de alta qualidade a todas as crianças e sim, de desenvolver uma sociedade inclusive (BRASIL, 1994 pg 3)

Assim, para que a escola realmente seja inclusiva é necessário uma formação docente com suporte pedagógico e práticas inclusivas que contemple uma formação consistente. A relação teoria x prática no processo formativo do futuro pedagogo vai significar a aprendizagem mediante a prática de ensino. Assim, o professor tem um papel essencial de exercer a criatividade, criticidade diante da teoria e dos conhecimentos do aluno. Proporcionando a construção do conhecimento com as orientações do docente.

Para Schlunzen; Santos (2016), a escola pode ser reconstruída, criando um espaço acolhedor, onde os estudantes queiram passar uma parte de seu tempo com o intuito de conviver com os outros, trocar ideias, sistematizar, formalizar e depurar o conhecimento, transformar a informação em conhecimentos e os conceitos empíricos trazidos pelos estudantes em conceitos científicos. Assim, o professor mediador consegue relacionar a sua disciplina e intervir na aprendizagem quando necessário, mas proporcionar um ambiente para que o aluno consiga explorar este universo criativo fora da sala de aula convencional.

As propostas das atividades práticas inclusivas como afirma Blanco (1998), deve se modificar a organização da escola, da sala de aula, e também deve-se ter presente a importância do clima afetivo ou emocional para que o aluno aprenda e se desenvolva

adequadamente. Sendo assim, os problemas com a aprendizagem, estrutura curricular, pedagógica e a eficácia de atender os alunos com necessidades especiais deve fazer parte da formação docente do pedagogo. As atividades propostas contribuem para esta formação mais centrada no atendimento do aluno especial, mas com estratégias de aprendizagem que inclua a turma toda, de forma dinâmica, criativa, lúdica e inovadora.

Conforme o Estatuto da pessoa com deficiência Lei 13.146 de 6 de julho de 2015, no Capítulo IV art. 28, incentiva-se as pesquisas, novas técnicas pedagógicas, materiais didáticos como:

VI – pesquisas voltadas para o desenvolvimento de novos métodos e técnicas pedagógicas, de materiais didáticos, de equipamentos e de recursos de tecnologia assistiva; VII – planejamento de estudo de caso, de elaboração de plano de atendimento educacional especializado, de organização de recursos e serviços de acessibilidade e de disponibilização e usabilidade pedagógica de recursos de tecnologia assistiva, (BRASIL, 2015, p. 04).

Neste sentido, é esperado que o aluno, futuro pedagogo, tenha uma formação com práticas inclusivas e possa atuar na sala de aula com competências, que saiba explorar os materiais e recursos existentes nas salas. Saiba não apenas utilizar os recursos disponíveis neste espaço escolar, mas também elaborar materiais de modo a ajustá-los às necessidades educacionais dos alunos, compreender a olhar de uma forma que inclua esse aluno nas atividades.

No entanto é necessário buscar uma referência de uma abordagem metodológica inclusive para que os alunos possam resignificar e relacionar a teoria com a prática. Assim, o uso do blackboard é um aliado na construção do conhecimento. O grande desafio é estimular os alunos a ler e pesquisar por meio dos textos abordados em sala de aula para potencializar o conhecimento e a elaboração do material pedagógico.

Para Schlunzen, Santos (2016, p. 20), “o professor precisa preparar-se para o uso da tecnologia que poderá colaborar para que a educação deixe de ser mera transmissora de informação, transformando-se em promotora da construção do conhecimento pelo estudante”. Sendo assim, o professor exerce uma função fundamental no processo educacional dos alunos, cabe ao professor ser o facilitador dessa nova forma de construir o conhecimento.

3. Princípios orientadores da prática pedagógica: Brinquedoteca e o uso do blackboard

A sociedade atual por ser social e historicamente construída pelo homem necessita de linguagens plurais para dialogar e interagir com a diversidade. Nesse sentido, a educação reproduz a sociedade por também ser social e historicamente construída pelo homem e, em consequência disto, historicamente sempre teve a obrigatoriedade de dar respostas e interferir nas demandas que os contextos depositaram e colocam.

Para Brasil (2000), é importante que os alunos aprendam a ler criticamente diferentes tipos de texto, utilizar variados recursos tecnológicos, expressar-se e comunicar-se em várias linguagens, opinar, enfrentar desafios, criar, agir com autonomia e que aprendam a conviver com a diversidade, repudiar qualquer tipo de discriminação e injustiça. Ao observarmos as práticas pedagógicas, cabe-nos inquietarmos com a dicotomia que existe entre a teoria e a prática, como se elas não fossem as duas faces de uma mesma moeda. A formação docente trabalha em uma perspectiva de criar um círculo vicioso que contemple a utilização das teorias, quanto das práticas desenvolvidas na formação do discente.

Quando o docente se apropria do conhecimento e se beneficia das contribuições teóricas referentes às compreensões de aprendizagem, escolhe as melhores formas de trabalhar, vence as dificuldades e vê com clareza as novas possibilidades de uma atuação com qualidade. Assim sendo, as probabilidades de reflexão e crítica sobre as práticas docentes surgem com maior coerência.

Pimenta (1995), afirma que o saber docente não é formado apenas da prática, sendo também nutrido pelas teorias da educação. Mediante esta afirmação fica claro que, a teoria tem importância fundamental, pois ao nos apropriarmos de fundamentação teórica nos beneficiamos de variados pontos de vista para uma tomada de decisão dentro de uma ação contextualizada, adquirindo perspectivas de julgamento para compreender os diversos contextos do cotidiano. A interação dialógica entre saberes geram o desenvolvimento de uma prática pedagógica autônoma e emancipatória. Nós, professores, precisamos refletir sobre a constituição e interação dos saberes, que ratificam a prática do fazer docente.

O desafio fundamental para o profissional da educação é distinguir e compreender as teorias subentendidas na sua própria prática e, originar condições para que diante das teorias, modifique seus pontos de vista, atitudes, posturas e atuação no exercício educacional e pensar na equidade social. Não tem como falar em educação de qualidade sem mencionar uma formação continuada de professores. Nas teorias de Gatti (2016), a educação pode ajudar no processo de formação de criação de maior equidade social e seu papel de disseminadora de conhecimentos, sendo assim, formadora de valores. A formação está totalmente pronta, mas os questionamentos, os valores, as práticas que contribuem para uma formação docente consistente.

A escola está desempenhando vários e novos papéis na sociedade atual; este vem sendo um campo de constante mutação, e o professor tem um papel central: é ele o responsável pela mudança de atitude e pensamento dos alunos. O professor precisa também estar preparado para os novos e crescentes desafios desta geração que nunca esteve tão em contato com novas tecnologias e fontes de acesso ao conhecimento (o que inclui a internet), como hoje.

Para, pelo menos, melhorar a prática docente, algo que inúmeros estudiosos desta área apontam como alternativa é a formação continuada de professores. Nas teorias de Martins; Lucas; Mirandola (2016), uma iniciativa de formação cuja a relevância está na possibilidade e realização de discussões contextualizadas acesca da prática, iniciando na análise de situações concretas do dia a dia da sala de aula, com ênfase na investigação

didática oportunizando a formulação de hipóteses e análise das informações. A Universidade tem também um papel de compromisso com a formação continuada dos docentes, para que forme-se docentes preparados e críticos.

Uma nova proposta de epistemologia da docência dada pela prática de bons profissionais é a perspectiva do professor reflexivo. É uma prática que vem ganhando bastantes adeptos e que enfrenta alguns obstáculos, mas que é necessária para uma prática docente eficaz. É nesse cenário que se complementa com a importância da busca de novas abordagens metodológicas de ensino voltada para a produção do conhecimento e a educação inclusiva, o blackboard que auxilia no armazenamento dos conteúdos teóricos para estudos aprofundados e a brinquedoteca como um espaço lúdico para se trabalhar a prática e a elaboração dos materiais pedagógicos inclusivos.

3.1. O uso do blackboard

A blackboard é uma plataforma que possibilita interações presenciais e virtuais. No desenvolvimento do projeto a plataforma foi utilizada pensando-se em tornar familiar ao aluno, futuro professor, o uso dessa ferramenta e possibilita aprendizagem para muitos e, ao mesmo tempo individualmente, essa tecnologia permite que a educação de qualidade seja distribuída em larga escala.

O professor apresenta as teorias via blackboard para os alunos, que são estudadas previamente e assim, contribui para uma leitura prévia das teorias a serem abordadas em sala de aula. O propósito, requer transformar a ação docente em uma prática pedagógica, que necessita de dois movimentos: o da reflexão crítica da teoria, com a prática. As intencionalidades que presidem a prática do professor, de proporcionar que as informações circulem simultaneamente com o grupo do alunos, cria, principalmente as oportunidades de vivenciar uma aprendizagem consciente, criar um olhar crítico, e pedagógico. Assim, o aluno assimila com maior consistência a teoria x prática. As soluções para as dificuldades encontradas na sala de aula, podem ser rapidamente solucionadas a partir da tecnologia e o acesso as informações do blackboard. Nas palavras de Franco,

Há práticas docentes construídas pedagogicamente e há práticas docentes construídas sem a perspectiva pedagógica, num agir mecânico que desconsidera a construção do humano. Esse aspecto é abordar a técnica como produto do humano, diferente da técnica como produtora do humano. Isso remete a uma possível mistificação da técnica no campo pedagógico, supervalorizando-a como produtora das práticas. Considera-se que, nas práticas pedagogicamente construídas, há a mediação do humano e não a submissão do humano a um artefato técnico previamente construído. (FRANCO, 2016, p.2)

A prática pedagógica surge quando o aluno reflete e incorporara em uma ação contínua e coletiva, de forma a assegurar que a intenção da proposta é disponibilizada a todos de forma igualitária. Os alunos elaboram uma atividade de prática orientada pela professora, faz um estudo mais científico, crítico e metodológico. O acesso as informações rápidas permitem um envolvimento ativo dos alunos.

3.2. O espaço da brinquedoteca

O ambiente como a brinquedoteca contribui para os alunos do curso de Pedagogia aplicarem as atividades elaboradas a partir dos estudos teóricos e metodológicos. Assim, aprende, questiona e elabora hipóteses e análises críticas mais próximo da realidade escolar.

Sendo assim, é espaço lúdico colorido para estimular a imaginação, emoções, sensações para os alunos e professores. Segundo o dicionário Michaelis online brinquedoteca significa “o espaço especialmente criado para favorecer a brincadeira, com supervisão de especialista na área, a fim de dar um choque educacional às atividades ali desenvolvidas”.

Seu ambiente pode ser dividido em cantos, como o canto do “Faz-de-conta” onde encontramos objetos de casinha, cozinha e seus utensílios, lavanderia, quarto e sala, mesinha, as bonecas, carrinhos de bebê, banheira, roupas de bonecas, dentre outros objetos; Canto da música e instrumentos musicais para estimular a musicalização e alfabetização por meio da música; Canto sensorial com livros, tapetes e atividades sensoriais para explorar os sentidos da criança; Canto das letras e números e materiais pedagógicos para explorar a criatividade e aprendizagem significativa através da ludicidade; Canto das atividades e brinquedos adaptados específicos para deficientes visuais, auditivo, deficiente motor e cognitivo, proporcionando um acesso a prática pedagógicas inclusivas.

A confecção dos brinquedos e dos materiais pedagógicos envolvem diversos aspectos: ser durável, atraente e colorido, respeitando a especificidade de cada um; ter funcionalidade, garantir a segurança e ampliar oportunidades para o brincar, alfabetizar; atender à diversidade racial, não induzir a preconceitos de gênero, classe social e etnia; não estimular a violência; incluir diversidade de materiais e tipos — brinquedos tecnológicos, industrializados, artesanais e produzidos pelas crianças, professoras e pais.

O curso de pedagogia conta com a brinquedoteca, como o principal laboratório pedagógico, um espaço lúdico, promotor de pesquisa de alunos e professores do curso. Nesse contexto a Pedagogia vai muito além da sala de aula. Assim, uma brinquedoteca passa a ser um nosso espaço de utilização das práticas pedagógicas. Além disso o aluno poderá através das atividades e brinquedos expostos na brinquedoteca criar, refletir, explorar e manipular para melhor compreender o processo de ensino e aprendizagem sempre mediado pelo professor responsável da disciplina. A prática é uma vivência que prepara o aluno para a realidade escolar. Conforme as autoras:

“O professor será capaz de construir a sua própria prática por meio da reflexão, tornando-se importante formar o professor reflexivo e investigador, que revê a todo momento a sua prática favorecendo a aprendizagem dos seus estudantes”. (SCHLUNZEN, SANTOS 2016, p. 43).

A aula prática deve, proporcionar ao aluno do curso de pedagogia a oportunidade de criar, buscar a sua transformação para atuar como facilitador e mediador na aprendizagem. Assim, contribuir para que seu futuro aluno tenha acesso ao conhecimento.

3.3. Princípios orientadores para prática pedagógica

Nesse contexto, a prática pedagógica contribui para que o aluno consiga refletir, criar e analisar materiais prontos procurando descobrir novas possibilidades de aplicar ou modifica-los. A partir dos materiais expostos, os alunos começam a pensar, a pesquisar através das tecnologias, à como adaptar as atividades para alunos que não conseguem o acesso ao conhecimento por possuírem limitações.

O aluno deve ser um estudante ativo, participativo, criativo e independente deve descobrir as possibilidades de aprendizagem, transformar seus conhecimentos e informações significativas e relacionar com os interesses individuais e em grupos para preparar suas atividades inclusivas, tornando um cidadão preparado para atuar no mundo inclusivo. O desenvolvimento de atividades e experiências devem estar orientados pelos seguintes momentos ou etapas:

Experiência prévia: circuito de atividades realizados com alunos do curso de pedagogia com duração de uma hora e trinta minutos na brinquedoteca

1º momento: Foram separadas 3 material pedagógico com o foco em alfabetização, exemplo: pescaria da afabetização, jogo twister, jogo dos animais que utilizam: os movimentos do corpo, a alfabetização e atividade inclusiva, uma atividade por grupo, totalizandod 3 grupos.

2º momento: Foi realizado um circuito pelas atividades, com música e dinamismo. Os alunos brincaram e observaram o material pedagógico e o jogo, critérios utilizaos na observação: funcionalidade, necessidade de correção na letra, format, espessura, uma visão geral pedagógica ao material, foi realizado mediação e orientações sobre cada material em cada grupo pelo professor.

3º momento: os alunos exploraram os materiais como se fossem as crianças e posteriormente a visão pedagógica como professor. Após a análise os alunos chegaram a seguinte conclusão: Com as atividades lúdicas a crinaça desenvolve a intelectualidade, a autoconfiança, a exploração, a curiosidade, o raciocínio, a emoção, a psicomotricidade, que vai levá-la a ampliar os seus valores morais, psicológicos e sociais.

4. Socialização do conhecimento: o encontro de práticas pedagógicas

Todos os materiais pedagógicos bem como as produções teórico-práticas desenvolvidas durante as aulas foram apresentados e avaliados. Aqueles que se destacaram foram escolhidos para serem apresentados no encontro de práticas pedagógicas.

É importante destacar o saldo positivo dessa atividade. Foram convidados professores das redes pública e privada do ensino. A troca de experiência e a convivência foi enriquecedora para formação de ambos. O encontro proporcionou desenvolver ideias próprias, acolher ideias diferentes, argumentar, construir hipóteses tendo como horizonte o processo educativo dos alunos. Outro fator importante foi a troca de experiências e que cada um possa aprender com o outro, valorizando a diversidade de opiniões, de pontos de vistas, de conhecimentos e de práticas.

5. Considerações finais

O resultado da atividade prática foi considerado satisfatório, tanto na aprendizagem como na participação dos alunos nas atividades. De fato, verificou-se que a prática contribui muito para a formação docente, o aluno se sente seguro, autoconfiante e sensível para analisar as necessidades do aluno com deficiência para ter acesso as mesmas atividades da turma.

Foram realizadas aulas com a elaboração de material pedagógico e nela foi desenvolvido o trabalho de confecções dos materiais, objetivando a prática com os alunos como principal potencial na formação dos futuros pedagogos. A partir do estudo dos textos, os alunos iniciaram um olhar pedagógico no Estágio de Educação Infantil e Ensino Fundamental, como nas disciplinas de Corpo Movimento, Jogos e Brincadeiras, Educação não formal, Escola, família e Comunidade, Educação Inclusiva, entre outras. Assim, os alunos aplicaram os materiais para crianças, escreveram relatórios da observação e com os resultados observados relacionaram a teoria com a prática.

Temos assim que esse tipo de formação para a educação básica, pretendem formar professores reflexivos, inclusivos, que sejam capazes de trabalhar com situações individualizadas ou grupos incluindo os alunos com deficiências. Para isto, os educandos na sua formação devem ter acesso às atividades práticas inclusivas.

Assim, os futuros professores serão capazes de tomar decisões frente ao aluno com dificuldade de aprendizagem, limitação intelectual, motora, visual ou auditiva através das experiências vivenciadas no curso de formação. O docente formador de professor é como um agente transformador do sujeito, para que este tenha uma capacidade autônoma e sistemática dentro da sala de aula e na sociedade.

A visão que se tem hoje de um professor inclusivo, se torna uma tendência para a valorização do saber docente e de suas práticas inclusivas. É necessário que o educador seja capaz de solucionar problemas que surgem no cotidiano da sua prática docente dentro da sala de aula. Ao se trabalhar com uma educação inclusiva faz-se com que aconteça a interação entre alunos diante das dificuldades de aprendizagem.

A formação do professor da educação básica, preferencialmente, deve vivenciar as atividades práticas dentro da sala de aula, com atividades diversificadas. Além disso, o aluno em formação tem o respaldo do professor formador, esclarecendo as dúvidas e anseios de como lidar com uma proposta pedagógica que tenha a inclusão como perspectiva.

6. Referências

BRASIL. Constituição da República Federativa de 1988. Disponível em: <<https://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/91972/constituicao-da-republica-federativa-do-brasil-1988#art-208--inc-III>> Acesso em 19 mar. 2017.

BRASIL. Estatuto da Criança e do Adolescente, 2015. Disponivel em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm> Acesso em: 25/03/2018.

BRASIL. Proposta de Diretrizes para a Formação Inicial de Professores da Educação Básica, em Cursos de Nível Superior. Disponível em:
<http://www.lite.fe.unicamp.br/grupos/formac/diretrizes/formacao_prof.htm> Acesso em 10/ 03/2018

BRASIL. Subsecretaria Nacional de Promoção dos Direitos da Pessoa com Deficiência. Comitê de Ajudas Técnicas. Tecnologia Assistiva – Brasília: CORDE, 2009.

CARVALHO, E. R. Removendo Barreiras para a aprendizagem: Educação Inclusiva. Porto Alegre: Mediação, 2011.

CASTELLS, M. Sociedade em rede: a era da informação; economia, sociedade e cultura. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

DICIONÁRIOS MICHAELIS ONLINE – Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br>. Acesso em 09/01/2018.

ESPAÑA. Declaração Salamanca. Disponível JUSBRAZIL. Constituição da República Federativa do Brasil. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf>> Acesso em: 20 mar. 2017.

FERNANDES, S. Fundamentos para educação especial: Paraná: IBPEX, 2007.

FIORENTINI, Dário; SOUSA JR., Arlindo José; MELO, Alves Gilberto F. Saberes docentes: um desafio para acadêmicos e práticos. Cartografia do trabalho docente: professor pesquisador. 3. ed. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2003.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. Sinopse Estatística da Educação Básica. Brasília Inep, 2017. Disponível em:
<<http://portal.inep.gov.br/sinopseestatisticas-da-educacao-basica>> Acesso em: 17/07/2017

KISHIMOTO, M. T. Brinquedos e Brincadeiras na Educação. Acesso em 09/01/2018. Disponível em:
file:///C:/Users/User/Downloads/2.3_brinquedos_brincadeiras_tizuko_morchida.pdf

LIMA, Ana; RIBEIRO, Vera Masagão; CATELLI JR., Roberto. Indicador de Alfabetismo Funcional – Inaf: estudo especial sobre alfabetismo e mundo do trabalho. São Paulo: Instituto Paulo Montenegro e Ação Educativa, maio de 2016.

MANTOAN, E. T. M. Inclusão escolar: O que é? Por quê? Como fazer? São Paulo: Moderna, 2003.

MENEZES, E. T.; SANTOS, T. H. Analfabetismo Tecnológico. *Dicionário Interativo da Educação Brasileira - Educabrazil*. São Paulo: Midiamix, 2001. Disponível em:
<<http://www.educabrazil.com.br/analfabetismo-tecnologico/>>. Acesso em: 14 dez. 2017.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E CULTURA. Declaração Mundial sobre Educação para Todos: satisfação das necessidades básicas de aprendizagem. Jomtien, 1990. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0008/000862/086291por.pdf>> Acesso em: 24 mar. 2017

PIMENTA, S. G. O estágio na formação de professores: unidade entre teoria e prática? Cadernos de Pesquisa, n 94, p. 58-73, ago. 1995.

PORTER, G. Organização das Escolas: conseguir o acesso e a qualidade através da inclusão. Comunicação apresentada na Conferência Mundial sobre Necessidades Educativas Especiais: Acesso e Qualidade. 1994.

SCHLUNZEN, M. T. E.; SANTOS, N. A. D.; Práticas pedagógicas do professor: abordagem construcionista, contextualizada e significativa para uma educação inclusiva. Appris, Curitiba, 2016.

SILVA, A. L. S. Teoria da aprendizagem de Vigotsky. Infoescola, 2016. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/pedagogia/teoria-de-aprendizagem-de-vygotsky/>>. Acesso em: 12 abr. 2017.

BLANCO, R. Aprendendo em la Diversidad Implicaiones Educativas, apresentada no III Congresso Ibero Americano de Educação Especial. Foz do Iguaçu-PR. 98.

Disponível em: <http://www.umcpos.com.br/centraldoaluno/arquivos/19_05_2

012_180/aprendendo_na_diversidade_implicacoes_educativ as (bloco_2_inclusao).pdf
Acesso em: 20/03/2018.

GATTI, A. B. Questões: professores, escolas e contemporaneidade. Papyrus Campinas-S.P.2016.

MARTINS, P.F.; LUCAS, M.; MIRANDOLA, S.C. Alfabetização de professoras alfabetizadoras: estratégias formativas na aprendizagem da docência.

FRANCO, A.R.S. Prática pedagógica e docência: um olhar a partir da epistemologia do conceito. Rev. Bras. Estud. Pedagógicas. vol.97 no.247 Brasília. Acesso em: 2016 19/12/2017 Disponível em: file:///C:/Users/User/Documents/Projeto%20Doutorado/Pesquisas/Praticas%20Pedagogicas/Pedagogical%20practice%20and%20teaching_%20a%20view%20from%20the%20epistemology%20of%20the%20concept.html>Brasil. Acesso em: 25/03/2018.